

ARTE, DOCÊNCIA E PRÁTICAS EDUCATIVAS

experiências e contextos

(Orgs.)

Ana Cristina de Moraes
Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro
Cicera Sineide Dantas Rodrigues



ANA CRISTINA DE MORAES
FRANCISCO MIRTIEL FRANKSON MOURA CASTRO
CICERA SINEIDE DANTAS RODRIGUES
(Organizadores)

ARTE, DOCÊNCIA E PRÁTICAS EDUCATIVAS: experiências e contextos

ANA CRISTINA DE MORAES
ANA LUISA BATISTA SANTOS
ANDRÉA PEREIRA SILVEIRA
ANTONIO IVANILO BEZERRA DE OLIVEIRA
ANTÔNIO RICARDO CATUNDA DE OLIVEIRA
ANTÔNIO ROMÁRIO FÉLIX DO NASCIMENTO
BERNADETE DE SOUZA PORTO
BRENNIA MARIA GUERREIRO LÓBO
CARLOS ROBERTO DE SOUSA
CARLOS ROSENO DA SILVA
CICERA SINEIDE DANTAS RODRIGUES
DÉBORA LIBERATO ARRUDA HISSA
EDITH MARIA BATISTA FERREIRA
ÉGILA MARIA NASCIMENTO SANTOS
ELANDIA FERREIRA DUARTE
ELIZIENE SOUSA VASCONCELOS
ÊNIO JOSÉ GONDIM GUIMARÃES
ERCÍLIA MARIA BRAGA DE OLINDA
ESTELA MARIA OLIVEIRA BONCI
EUNICE ANDRADE DE OLIVEIRA MENEZES
FLÁVIO TELES CARDOSO
FRANCISCA CLARA DE PAULA OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS BATISTA DE SOUSA
FRANCISCO JARBAS SANTOS DE SOUSA
FRANCISCO MIRTIEL FRANKSON MOURA CASTRO
GEORGELIANO FERREIRA INÁCIO
GERSON CARLOS MATIAS DE SOUSA (GERSON MORENO)
GEZENIRA RODRIGUES DA SILVA
HELENA FERREIRA DUARTE
HILDENILLE ALBUQUERQUE NOGUEIRA
HUGO DE MELO RODRIGUES
IANY BESSA SILVA MENEZES
ISABEL CRISTINA HIGINO SANTANA
ISABELLE DE LUNA ALENCAR NORONHA
ISAURA TELES MARTINS
IZABEL CRISTINA SOARES DA SILVA LIMA
JACILENE DE OLIVEIRA QUEIROZ ROCHA
JAMILA HUNÁRA DA SILVA SANTOS
JANAÍNA BACELO DE FIGUEIREDO
JOÃO LUCAS GOMES BARBOSA
JOÃO PAULO DO NASCIMENTO TEIXEIRA
JOELMA REIS CORREIA
JORGE LUIZ SCHROEDER
JOSÉ ALBIO MOREIRA DE SALES
JULIANE GONÇALVES QUEIROZ
JUSCILENE SILVA DE OLIVEIRA
KENIA EDJANE BESERRA DE OLIVEIRA
LEANDRA FERNANDES DO NASCIMENTO
LEANDRO DA SILVA PEREIRA JUNIOR
LUCIANE GERMANO GOLDBERG
LUIZ GUSTAVO GUIMARÃES
LUIZ TÁVORA FURTADO RIBEIRO
LUIZ BOTELHO ALBUQUERQUE
LUIZ CARLOS CARVALHO SIQUEIRA
MARIA AURILENE DE DEUS MOREIRA VASCONCELOS
MARIA DEUZANIRA DE LIMA
MARIA DULCINEA DA SILVA LOUREIRO
MARIA JOSIMARA SOUSA MATIAS
MARIA NAHIR BATISTA FERREIRA TORRES
MÁRIO CÉZAR AMORIM DE OLIVEIRA
MARLUCE TORQUATO LIMA GONÇALVES
MATHEUS PONTES LOPES
MIRIAN CELESTE MARTINS
NADINE TELES RODRIGUES
NÁGILA OLIVEIRA DE SOUSA
REBECA BAIA SINDEAUX
ROBERISLÂNDIA SOUSA LIMA VIANA
ROGÉRIO ADOLFO DE MOURA
ROSEKEYLA DE ARAÚJO COSTA
RUTH MARIA DE PAULA GONÇALVES
SANDRA HAYDÉE PETIT
SILENE CERDEIRA SILVINO DA SILVA
SILVIA CORDEIRO NASSIF
TÂMARA MARIA BEZERRA COSTA COELHO
TÂMARA QUEIROZ BEZERRA LARRIPA
THAÍS DOS SANTOS NASCIMENTO
VANERIA MARIA PINHEIRO MEDEIROS



Fortaleza | Ceará
2020

ARTE, DOCÊNCIA E PRÁTICAS EDUCATIVAS: EXPERIÊNCIAS E CONTEXTOS
© 2020 Copyright by Ana Cristina de Moraes, Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro e
Cicera Sineide Dantas Rodrigues (Orgs.)

O conteúdo deste livro, bem como os dados usados e sua fidedignidade, são de responsabilidade exclusiva do autor. O download e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos ao autor. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou utilizá-la para fins comerciais.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – *Campus* do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará
CEP: 60714-903 – Tel.: (85) 3101-9893 – Fax: (85) 3101-9893
Internet: www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br



COORDENAÇÃO EDITORIAL
Erasmu Miessa Ruiz

PROJETO GRÁFICO
Carlos Alberto Alexandre Dantas
carlosalberto.adantas@gmail.com

REVISÃO DE TEXTO E NORMALIZAÇÃO
Felipe Aragão de Freitas Carneiro
felipearagaofc@hotmail.com

ARTE DA CAPA
Wendel Alves de Medeiros

AUTORA DA FOTO ABSTRATA
Sabrina Moura

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Arte, docência e práticas educativas [livro eletrônico] : experiências e contextos / Ana Cristina de Moraes, Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro, Cicera Sineide Dantas Rodrigues, (organizadores). – Fortaleza : Editora da UECE, 2020.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-86445-25-1

1. Arte - Educação 2. Arte - Ensino 3. Prática pedagógica 4. Professores - Formação I. Moraes, Ana Cristina de. II. Castro, Francisco Mirtiel Frankson Moura. III. Rodrigues, Cicera Sineide Dantas.

20-43423

CDD-370.1

DESVELAR/AMPLIAR BAGAGENS CULTURAIS: POTÊNCIAS EXPANDIDAS NO CURSO DE PEDAGOGIA

MIRIAN CELESTE MARTINS

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), mestra em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da USP e licenciada em Desenho e Plástica pela Faculdade Santa Marcelina (FASM). Professora do curso de pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura e do curso de Pedagogia da Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mackenzie). Coordena os Grupos de Pesquisa: Arte na Pedagogia (GPAP) e Mediação Cultural: Provocações e Mediações Estéticas (GPeMC). Professora aposentada do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Conselheira da América Latina da International Society of Education through Art (Insea).
Endereço eletrônico: mcmart@uol.com.br

ESTELA MARIA OLIVEIRA BONCI

Doutora e mestra em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mackenzie) e graduada em Pedagogia pela Mackenzie e em Artes – Educação Artística (licenciatura) pelo Centro Universitário Claretiano (Claretiano). Conteudista de material didático para Ensino a Distância (EaD). Membro do Grupo de Pesquisa em Mediação Cultural: Contaminações e Provocações Estéticas (GPeMC) e do Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia (GPAP). Docente do Centro Universitário das Américas (FAM) na graduação em Pedagogia e licenciaturas.
Endereço eletrônico: estelabonci@hotmail.com

Olhares intrigados

Figura 1 – Entreolhar – Foto-ensaio composto por seis fotos digitais de Olga Egas



Fonte: Olga Egas (2017).

Estudantes de Pedagogia deparam-se com xilogravuras. No registro sensível da professora-fotógrafa¹, o proces-

¹ Olga Egas é professora da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG. Doutora em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e mestra em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Coordenadora do Mirada, grupo de estudos e pesquisa sobre Visualidade, Interculturalidade e Formação Docente.

so se torna visível: ampliar o olhar para o encontro com as obras de Goeldi e o explorar da madeira e de seus sulcos que se transformam em formas. Este foto-ensaio², como um texto visual, é expressão de uma prática docente que valoriza o encontro com a arte e com o seu fazer.

Qual a potência desses encontros com a arte e a cultura para estudantes de Pedagogia? Sabemos que há um percurso possível de formação cultural e abertura à experiência estética que pode ser impulsionado por uma sensível mediação cultural. E é entre essas questões que aqui focalizamos o curso de Pedagogia e o espaço da formação cultural e artística como potência para ampliar saberes.

Como docentes em cursos de Pedagogia e inseridas nas preocupações que unem o Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia (GPAP)³ pesquisamos o que os/as estudantes trazem em suas bagagens culturais como aspectos impulsionadores de reflexões e ações. Não só em relação às imagens que acompanham seus relatórios e projetos, muitas vezes ainda compondo apenas os anexos ao final do texto, mas em relação ao próprio ensino de arte, ainda comumente pautado em atividades isoladas que valorizam a figuração realista à moda de um “olhar de missão francesa” que ainda parece estar instalado na valorização das cópias.

² Sobre fotos-ensaios, poderíamos nos perguntar quais as leituras de imagens nossos estudantes de Pedagogia são impulsionados a fazer. Fotografam como ilustração do que fizeram ou podem construir textos visuais a partir do que viveram? Podem tornar processos visíveis pelos fotos-ensaios? Egas (2017, p. 277-278) adverte sobre o que é foto-ensaio: “Não qualquer imagem, mas o conjunto de imagens potentes na construção do pensamento visual, convocando tanto o autor quanto o observador a realizar associações visuais e ter novas ideias sobre o que antes aparentava estar dissociado e invisível”.

³ Grupo iniciado em 2012. Veja mais em: www.arte-pedagogia-mediacao.com.br. Acesso em: 10 out. 2019.

De quais modos a disciplina que focaliza arte nos cursos de Pedagogia (nomeadas de modo diverso, mas sempre com restrita carga horária) pode impulsionar arte e cultura? Até que ponto essas práticas contribuem como alicerces para o exercício da docência como prática sensível, criativa e interdisciplinar?

Para trazer algumas respostas possíveis, buscamos trazer algumas práticas vividas em nossa docência e os dados obtidos na tese *Formação cultural e artística de estudantes de Pedagogia: constelações potenciais* (BONCI, 2018), utilizando o mesmo aporte metodológico da tese: a *a/r/tografia* (“a” de “*artist*”, “r” de “*researcher*” [pesquisador] e “t” de “*teacher*” [professor]). Preconizada por Irwin (2008, 2014) e seus parceiros, a metodologia é baseada em práticas criativas e rizomáticas e em uma pedagogia performativa que se dirige ao potencial, àquilo que ainda não conhecemos, para revelar descobertas a partir de vivências, experiências e relatos de situações diversas por meio de ações poéticas.

Assim, com olhares intrigados, abrimos a reflexão teórica com as considerações sobre cultura e formação. Abordamos também a importância de trazer à tona a infância dos estudantes com seus primeiros encontros com a arte e a potência de seguir provocando a frequência da arte. Como ampliações possíveis, consultamos também documentos como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior – cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura (BRASIL, 2015), como alimento para desvelar/ampliar bagagens culturais entre estudantes e docentes dos cursos de Pedagogia.

Formação cultural e artística?

O tema da formação cultural dos professores continua a ser encarado, nos meios acadêmicos, como uma ação de caráter pessoal: quem já tem o hábito, aproveita as oportunidades que a universidade oferece; os que não têm passam ao largo dos eventos e cursos de extensão, usufruindo do espaço acadêmico apenas para sua certificação. (NOGUEIRA, 2018, p. 31).

Já em 2008, Monique Andries Nogueira questionava sobre o porquê de se insistir na ideia de que a formação cultural dos professores ainda era incipiente e precisava ser incrementada. Em seu texto publicado em 2018, 15 anos depois de sua tese, em que tratou da questão, ela reitera que a formação cultural ainda não é tratada de modo a superar hábitos cristalizados.

Refletir sobre qual a formação cultural de estudantes de Pedagogia desencadeia diferentes campos de formulação sobre as noções de experiência, cultura e formação. Pesquisas acadêmicas, políticas públicas e currículos destacam-se como evidências que compõem uma discursividade operando a favor da legitimação da ideia de um professor que “deve” se formar culturalmente (DALLA ZEN, 2017).

Consideramos que estudantes de Pedagogia já trazem sua própria formação cultural e artística, mas nem sempre estão conscientes do que a compõe e de que ela nunca está terminada. Compreendemos que todo e qualquer ser humano vivencia uma formação cultural desde o seu nascimento, imerso em um contexto social e cultural múltiplo que lhe proporciona acesso a diferentes conhecimentos, ideias, crenças e maneiras de existir e atuar nesse contexto/comu-

nidade/sociedade a que pertence. Assim, a cultura representa a essência de tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo, de uma nação, de grupos inseridos em determinado contexto social. Entretanto, o termo “cultura” possibilita uma multiplicidade de sentidos. Por sua polissemia, Canclini (2008) apropriadamente coloca o termo no plural e o adjetiva, denominando-o “culturas híbridas”.

Santomé (1995) nos chama à atenção para o fato de os currículos planejados e desenvolvidos nas salas de aula apresentarem grande parcialidade no momento de definir os conteúdos que valem a pena serem trabalhados, ou seja, a cultura legítima que será cultivada. Segundo ele, é muito difícil encontrarmos currículos que proporcionem aos professores e alunos refletir e investigar questões sobre as culturas negadas e silenciadas e que os capacitem para refletir e analisar criticamente sobre a sociedade da qual fazem parte, preparando-os para intervir e participar nela de forma mais democrática, responsável e solidária.

Consideramos que o ensino de arte é um componente curricular importante para ampliar a formação cultural e temos iniciado com a retomada dos primeiros encontros com a arte por meio da memória afetiva. Descubrem, assim, a importância de seus primeiros mediadores?

Encontros primeiros com a arte

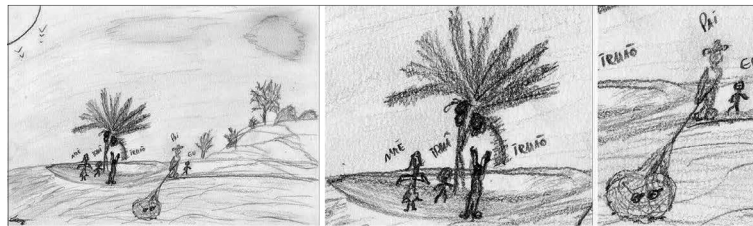
Estamos todos imersos na cultura, envolvidos por apelos visuais, sonoros, corporais presentes por toda parte, especialmente aqueles veiculados pelos grandes meios de comunicação de massa. Acreditamos que a formação cultural é um:

[...] processo em que o indivíduo se conecta com o mundo da cultura, mundo esse entendido como um espaço de diferentes leituras e interpretações do real, concretizado [também] nas artes (música, teatro, dança, artes visuais, cinema, entre outros) e na literatura. Por ser processo, trata-se de ação contínua e, além disso, cumulativa. (NOGUEIRA, 2008, p. 4).

Como ação contínua e cumulativa, voltar à infância e perceber os primeiros contatos com a arte e a cultura tem se mostrado uma ação vigorosa que não apenas aproxima os alunos conosco e entre si, como também desvela as oportunidades vividas ou não, oferecidas por familiares, pela escola, pelo contexto em que viveram. As memórias dos estudantes são ampliadas quando aquilo que foi visto e vivido passa a ser registrado, percebido, compreendido, problematizado e ressignificado, como temos apontado em outros textos (MARTINS, 2012; MARTINS; BONCI, 2017).

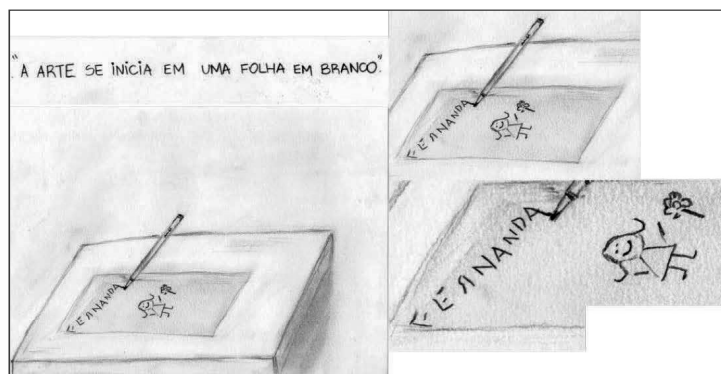
A ação de recordar os primeiros encontros com a arte, realizada em 2017 com alunos do terceiro semestre do curso de Pedagogia (BONCI, 2018), evidenciou as histórias pessoais dos discentes que foram reveladas em desenhos e pequenos textos. Uma luz sobre as histórias de vida dos estudantes revelando a potência das experiências vividas, ressignificadas pelo olhar de quem as recorda e retrata e pelo olhar de quem as lê e interpreta.

Figura 2 – Pescaria – Um desenho e seus detalhes. Lápis grafite 6b e papel Canson A5



Fonte: Produzido por estudante de Pedagogia da UPM (2016).

Figura 3 – No início era desenho... – Um desenho e seus detalhes. Lápis grafite 6b e papel Canson A5



Fonte: Produzido por estudante de Pedagogia da UPM (2016).

O que nos dizem esses desenhos realizados? No primeiro desenho apresentado (Figura 2), entre os muitos realizados, nota-se a importância de viagens e experiências fora da escola com a família. Uma pescaria foi considerada uma experiência cultural significativa para a educanda. No outro (Figura 3), o foco foi o fazer, a oportunidade de criar. A marca do nome testemunha a autoria, mas – como a maioria dos registros coletados durante a pesquisa de Bonci (2018)

apresenta simplistas respostas figurativas – retratando cenas com ou sem personagens. São permeados de desenhos lineares, com raras presenças de texturas ou volumes. A ordenação espacial é também simplista, havendo raras exceções que mostram um conhecimento de perspectiva ou de ilusões de profundidade. As representações podem ser lidas como produções infantilizadas, retratando talvez uma estagnação, bloqueio da expressão artística ou poucas oportunidades de expressarem-se por meio de desenhos.

Nessas recordações dos primeiros encontros com a arte, ainda podemos refletir sobre os primeiros mediadores que de alguma forma possibilitaram aos alunos de Pedagogia um contato mais próximo e significativo com o universo da arte e cultura e que deixaram marcas na formação cultural e artística desses estudantes: a família e a escola.

Repertórios mediados por diferentes agentes direcionam ações às potencialidades a serem amadurecidas e conquistadas por aquele que é mediado como indivíduo em processo de formação, considerando os diferentes ritmos, repertórios, conhecimentos adquiridos e trajetórias de cada ser humano. “Acreditamos que é preciso oferecer espaços diversos de encontros com a arte na formação cultural e artística dos estudantes de Pedagogia possibilitando um exercício dinâmico de mediação enquanto diálogo de significados e de sentidos que proporciona experiências que transformam os sujeitos” (BONCI, 2018, p. 92).

Inspiradas pelas histórias de vida (JOSSO, 2007), continuamos a desvelar repertórios mediados pelos mais variados agentes: pais, tias e avós aparecem nessas histórias. Portfólios são pedidos e uma ação interessante é pedir para que narrem como o fizeram, antes de mostrar. Isto não só abre a oportunidade de que percebam seus próprios proces-

sos de criação, como também amplia a curiosidade para verem os trabalhos de todos.

Para realizar seus portfólios, muitos estudantes contaram as boas conversas com seus pais, com muitas fotos recuperadas e até uma roupinha que aparecia em uma delas quando era um pequeno menino. Isabella Sousa levou uma mala que tinha um relógio em uma de suas faces para indicar o tempo, contendo desenhos, pastas e fotografias que sua mãe havia guardado. Outro conversou com seus amigos de infância, recuperando memórias divertidas. Rosângela Sá contou emocionada sobre sua família e sobre a importância de uma máquina de costura e trouxe *patchworks* produzidos com tecidos repletos de memórias.

Figura 4 – Encontros com a arte na infância – Foto-ensaio produzido com três fotografias digitais da primeira autora



Fonte: Mirian Celeste Martins (2019).

Alexandre G. Scarlato fez uma caixa-surpresa, escrevendo em cada face: “Arte através do cinema”. Dentro havia

uma outra caixa, que apresentava cartazes de filmes e o que haviam aprendido com eles. No verso, uma sala de cinema e a terna lembrança de sua avó.

Figura 5 – Uma caixa mágica – Foto-ensaio produzido com três fotografias digitais da autora a partir do portfólio de Alexandre G. Scarlato



Fonte: Mirian Celeste Martins (2019).

A percepção das próprias histórias, as memórias afetivas de tantas lembranças ou mesmo a falta delas para elas e eles, com muitas ou quase nenhuma foto recuperada, com contextos tão diversos, permitiram aclarar para esses estudantes como a arte e a cultura fizeram e fazem parte de suas vidas. Puderam valorizar também o papel de quem abriu esse universo para eles, sempre com muita emoção e afetividade, além de se conhecerem melhor como grupo que vive um processo educativo e colaborativo.

Ampliando contatos com a arte

A formação cultural de professores é parte do processo de construção da cidadania, é direito de todos se considerarmos que to-

dos – crianças e adultos – somos indivíduos sociais, sujeitos históricos, cidadãos e cidadãs produzidos na cultura e produtores de cultura. (KRAMER, 1998, p. 21).

Destacando a riqueza do mundo da literatura e das experiências culturais na vida do professor, a autora enfatiza a questão da importância dessa formação, defendendo uma política de formação que assegure a todos os professores o acesso a cinemas, centros de cultura, museus, revistas. Assim, não basta apenas levantar histórias vividas, é preciso oferecer espaço e tempo para apropriação e ampliação do patrimônio cultural e artístico.

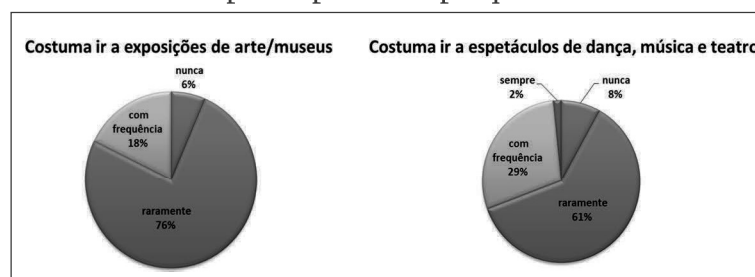
Em sua participação no III Simpósio Formação de Educadores em Arte e Pedagogia ocorrido em 2017, a professora Monique Andries Nogueira, aqui já citada, discorreu sobre a questão da formação cultural e artística dos educandos. Relatou algumas de suas experiências nos cursos de Pedagogia da Universidade Federal de Goiás (UFG) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde leciona atualmente. Da persistência em resgatar a arte na Pedagogia, Nogueira relata que a produção mensal dos relatórios de apreciação a eventos artísticos por parte dos alunos, com o comprovante da participação nesses eventos, representa um ponto positivo, possibilitando que criem suas próprias redes de informações, uma verdadeira agenda cultural.

Segundo a professora, muitos apontam que a universidade não promove eventos culturais, sendo essa a grande questão para a educadora: existem, sim, os eventos, mas são apenas eventos, e não uma política de formação cultural e artística. Em suas colocações, Nogueira ressalta que há pessoas que conseguem formar o hábito a despeito de toda sua formação contrária, porém são exceções. Assim, é necessá-

rio que essas questões de formação cultural e artística de professores sejam pensadas como política curricular, valorizando a presença de disciplinas que trabalham essa questão e o entendimento por parte das coordenações dos cursos de que essa formação é importante para a formação de professores e superação desse grande desafio.

Na pesquisa realizada por Bonci (2018), dentre 42 questionários coletados em 2015 e nos 62 coletados em 2016, os dados apontam que os alunos da graduação em Pedagogia raramente participam ou frequentam espaços e eventos culturais, como visitas a exposições, concertos, espetáculos de dança e de teatro, etc.

Gráfico 1 – Frequência em espetáculos de dança, música, teatro e exposições de arte/museus dos alunos participantes da pesquisa



Fonte: Bonci (2018).

Esse fato, entretanto, não interfere na escolha dos estudantes em relação às apresentações artísticas e culturais a que mais gostam de assistir. Questionados se gostariam de frequentar mais eventos culturais, 92% dos estudantes responderam “sim”; 3% responderam “não”; e 5% responderam “tanto faz”. Dentre as principais dificuldades que os universitários sinalizam para frequentar espaços e eventos cultu-

rais, a falta de tempo foi o principal fator de impedimento, fator seguido pela falta de dinheiro (BONCI, 2018).

Como romper com as barreiras da vida cotidiana quando o tempo dos estudantes é dividido entre múltiplas tarefas, quando têm poucas informações sobre o que sua cidade oferece, quando ainda imaginam que o acesso à vida cultural exige recursos financeiros, pois desconhecem tantas boas ofertas gratuitas? Como discentes podem se permitir o fazer e o fruir artísticos? Como impulsioná-los para que percebam que aquele que os aprecia ou aquele que os produz se coloca na perspectiva do outro, gerando inúmeras possibilidades de reflexão?

O relatório de uma aluna do terceiro semestre do curso de Pedagogia revela a importância da aproximação significativa com a instituição cultural. Além da visita, a compreensão do trabalho do Programa Educativo permitiu compreender as ações que são planejadas para oferecer ao público uma experiência estética.

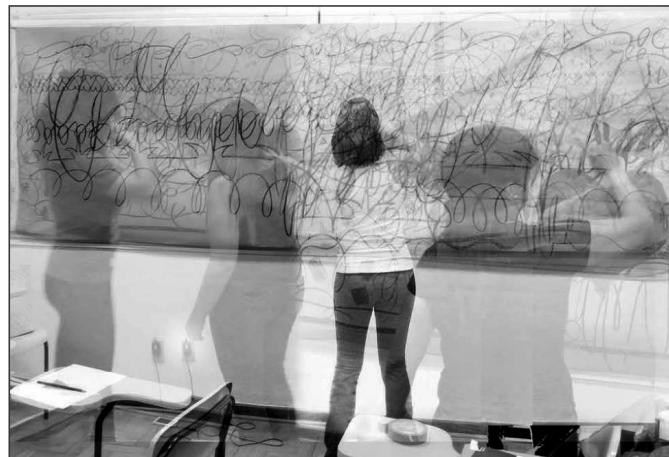
Para finalizar [o relatório], quero dizer o quanto essa visita à exposição foi rica em conhecimentos, conhecendo como ela é pensada pelo grupo de educadores do CCBB e ganhando o material educativo. Tudo isso fez parte da construção de uma nova percepção pessoal sobre a arte. (THAYANE SANTOS, estudante de Pedagogia, 2019).

Note-se que, mesmo situados na cidade de São Paulo – que oferece múltiplas oportunidades de produções artísticas, inclusive gratuitas –, os alunos e alunas desconhecem museus e casas de espetáculos. A obrigatoriedade de visitar algumas exposições no semestre em que a disciplina é ofertada tem sido uma ação produtiva. O relatório é composto

por uma *selfie* no espaço, além de comentários e outras fotografias, muitas vezes incluindo as amigas da classe ou parentes e namorados. É o contato da arte ampliando parcerias.

Vivência de ações poéticas

Figura 6 – Espaço, movimentos, traços: ação – Composição digital



Fonte: Estela Bonci (2017).

Impulsionar o fazer e o fruir artísticos, onde aquele que aprecia ou aquele que produz arte se coloca na perspectiva do outro, pode despertar reflexões, tanto para os estudantes como para seus professores, desperta também um olhar diferenciado aos seus futuros alunos, também produtores de cultura.

Embora as ações poéticas sejam importantes para perceber processos de criação e compreender as questões específicas das diversas linguagens artísticas, o tempo é sempre um problema na restrição de carga horária para a disciplina

de Arte. Para driblar as restrições, temos inventado ações que tentam ir além de atividades isoladas. Assim, exploramos desenhos coletivos; trabalhamos com tecidos de várias cores e texturas que se tornam formas em composições figurativas ou não e se transformam também em figurinos; criamos autorretratos com objetos retirados de bolsas e mochilas que revelam gostos e interesses; participamos de um jogo de imaginação a partir de um pano, preferencialmente preto, que se transforma na mão de cada estudante; elaboramos iniciais de cada nome em papel recortado, amassado, dobrado; narramos as aulas vividas com quatro cadernos de narrativas: verbal, sonoro, gestual e imagético, entre tantas outras ações.

Temos procurado escrever sobre as práticas em intensa relação com a teoria. Dentre os artigos, relembramos aqui a experiência estética tantas vezes recriada com as diversas turmas com as palavras-valise:

A proposta envolve escolher uma única palavra que possa conter/carregar em si – como faz uma valise ou mala – os significados mais importantes daquilo que cada pessoa pensa e sente sobre a questão formulada pela professora. A escolha da palavra vem junto com a escolha de uma parte do próprio corpo que mais potencialize seu significado. Então a palavra é temporariamente tatuada na pele e os estudantes se fotografam, uns ajudando os outros, usando seus aparelhos celulares. (MARTINS; LOMBARDI, 2017, p. 1952).

As reflexões sobre as vivências de ações poéticas nos mostram “[...] que, embora tenham enfrentado desconfortos e quebras de alguns paradigmas pessoais em relação à arte e cultura, as vivências geraram práticas criativas e rizo-

máticas que abriram novas questões e preocupações” (MARTINS; BONCI, 2015, p. 2361), continuando a suscitá-las nos dias de hoje em nossas ações docentes nas salas de aula de Pedagogia.

Para seguir pensando...

Entre uma sociedade e seus modelos científicos, entre uma situação histórica e o instrumento intelectual que lhe é adequado, existe uma relação que constitui um sistema cultural. (CERTEAU, 2008, p. 173).

Se, por um lado, são complexos os sistemas culturais em que vivemos, com diferentes oportunidades de acesso, muitas vezes desconhecidos pelos estudantes; por outro lado, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada em Nível Superior de Profissionais do Magistério para a Educação Básica (BRASIL, 2015) apontam que a formação inicial e continuada deve priorizar o exercício da docência como ação educativa e como processo pedagógico intencional e metódico, envolvendo conhecimentos específicos, interdisciplinares e pedagógicos, em diálogo constante entre diferentes visões de mundo. Em seu artigo 3º, parágrafo 5º, apresenta os princípios da Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica: “XI – a compreensão dos profissionais do magistério como agentes formativos de cultura e da necessidade de seu acesso permanente às informações, vivência e atualização culturais”. Mais um alicerce político para fortalecer a importância da formação cultural e artística (MARTINS, 2016).

Isso posto, desenvolver e proporcionar a formação cultural, estética e literária do professor de educação bá-

sica, como um potencial agente formativo de cultura, deve fazer parte tanto da sua formação inicial como da sua formação continuada, e a formação cultural/artística/literária merece, pela sua importância, ser reconhecida e trabalhada nos currículos dos cursos de Pedagogia. Percepções outras sobre cultura, saberes e potencialidade do currículo, com a esperança de outros compartilhamentos e provocações a todos os profissionais da educação, tornam-se necessárias no momento atual, pois a potência da arte e da cultura está ainda apenas engatinhando nas práticas pedagógicas desenvolvidas nas salas de aula de Pedagogia.

Acreditamos no fazer docente que se articula para construir novas narrativas entre os campos do conhecimento e práticas pedagógicas, considerando a complexidade e incompletude do conhecimento como características marcantes evidenciadas na contemporaneidade. Há muito ainda a trabalhar para que futuramente os estudantes de Pedagogia tragam em si mesmos bagagens estéticas colhidas desde suas infâncias, e isso depende do que consigamos provocar nesses futuros professores e nas formações continuadas tão necessárias no contexto da educação básica. É esse nosso esperar. E será mais eficiente se for coletivo!

Referências

BONCI, E. M. O. *Formação cultural e artística de estudantes de Pedagogia: constelações potenciais*. 2018. 196 f. Tese (Educação, Arte e História da Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

BRASIL. Parecer CNE/CP n. 2, de 1º de julho de 2015. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial do Magistério

em Nível Superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda graduação) e para a Formação Continuada. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 2 jul. 2015.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2008.

CERTEAU, M. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 2008.

DALLA ZEN, L. H. *O lugar das experiências culturais na constituição de um ethos docente*. 2017. 203 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

EGAS, O. M. B. *Metodologias artísticas de pesquisa em educação e deslocamento na formação docente: a fotografia como construção do pensamento visual*. 2017. 293 f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

IRWIN, R. A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica. In: BARBOSA, A. M.; AMARAL, L. (Org.). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Senac: Sesc, 2008. p. 87-104.

IRWIN, R.; MAY, H.; O'DONOGHUE, D. Performing an intervention in the space between art and education. *International Journal of Education through Art*, v. 10, n. 2, p. 163-177, 2014.

JOSSO, M.-C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 30, n. 63, p. 413-438, 2007.

KRAMER, S. O que é básico na escola básica? Contribuições para o debate sobre o papel da escola na vida social e na cultura. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papirus, 1998. p. 11-24.

MARTINS, M. C. Diretrizes curriculares nacionais para as licenciaturas: um foco sobre cultura e arte. *In: CNFP, 3., 2016, Águas de Lindoia. Anais... Águas de Lindoia: CNFP, 2016. p. 2649-2659.*

MARTINS, M. C. Mediação: primeiros encontros sensíveis com arte e cultura. *In: MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. (Org.). Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. São Paulo: Intermeios, 2012. p. 23-31.*

MARTINS, M. C.; BONCI, E. M. O. Alfabetização estética na Pedagogia: estudos e experiências em processos de criação e vivências artísticas. *In: EDUCERE, 12., 2015, Curitiba. Anais... Curitiba: PUC, 2015. p. 2350-2362.*

MARTINS, M. C.; BONCI, E. M. O. Qual o seu primeiro encontro com a arte? Memórias de experiências com arte e cultura de estudantes de Pedagogia. *In: ANPAP, 26., 2017, Campinas. Anais... Campinas: Anpap, 2017. p. 3086-3102.*

MARTINS, M. C.; LOMBARDI, L. M. S. Ensino de Arte no curso de Pedagogia: travessia e perigo. *In: ConFAEB, 27., 2017, Cuiabá. Anais... Cuiabá: ConFAEB, 2017. p. 1944-1955.*

NOGUEIRA, M. A. A formação cultural dos professores ou a arte da fuga – 15 anos depois. *In: MARTINS, M. C.; MOMOLI, D.; BONCI, E. (Org.). Formação de educadores: modos de pensar e provocar encontros com a arte e mediação cultural. São Paulo: Terracota, 2018. p. 26-34.*

NOGUEIRA, M. A. *Formação cultural de professores ou a arte da fuga.* Goiânia: UFG, 2008.

SANTOMÉ, J. T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. *In: SILVA, T. T. (Org.). Alienígenas na sala de aula.* Petrópolis: Vozes, 1995. p. 159-177.